

“Relatos do Mundo” e a Reconstrução dos EUA pós-Trump

“News of the World” and the US Reconstruction post Trump

Marcos Sorrilha PINHEIRO¹

Resumo: Este artigo analisa o filme *Relatos do Mundo*, dirigido por Peter Greengrass e estrelado por Tom Hanks, como uma metáfora para os desafios contemporâneos enfrentados pelos Estados Unidos no período pós-eleição de Donald Trump. Lançado durante a pandemia de Covid-19, o filme é situado no Texas, em 1870, e segue Jefferson Kyle Kidd, um ex-capitão Confederado que se torna um leitor itinerante de notícias. Ao viajar pelo Texas, Kidd se depara com Johanna, uma menina órfã, e sua jornada reflete as divisões ideológicas e as tensões sociais persistentes na América. O filme contextualiza essas experiências no período da Reconstrução do Sul pós-Guerra Civil, ecoando a era Trump, marcada por uma direita radicalizada e um clima de desinformação. Analisando a narrativa do filme e as políticas históricas, este artigo explora como *Relatos do Mundo* aborda temas como *fake news* e a construção de realidades alternativas, destacando a necessidade de enfrentar as divisões raciais e sociais para promover a reconciliação e a compreensão mútua.

Palavras-chave: Reconstrução dos EUA; Polarização política; Donald Trump; História dos Estados Unidos.

Abstract: This article analyzes the film *News of the World*, directed by Peter Greengrass and starring Tom Hanks, as a metaphor for the contemporary challenges faced by the United States in the post-election period of Donald Trump. Released during the Covid-19 pandemic, the film is set in Texas in 1870 and follows Jefferson Kyle Kidd, a former Confederate captain who becomes an itinerant news reader. While traveling through Texas, Kidd comes across Johanna, an orphan girl, and his journey reflects the ideological divisions and persistent social tensions in America. The film contextualizes these experiences in the post-Civil War Reconstruction period of the South, echoing the Trump era, marked by a radicalized right and a climate of misinformation. Analyzing the film's narrative and historical politics, this article explores how *News of the World* addresses topics such as *fake news* and the construction of alternative realities, highlighting the need to confront racial and social divisions to promote reconciliation and mutual understanding.

Keywords: US Reconstruction; Political polarization; Donald Trump; United States History.

¹ Marcos Sorrilha Pinheiro é Professor Assistente Doutor do Departamento de História da Universidade Estadual Paulista, campus de Franca. E-mail: marcos.sorrilha@unesp.br

Apresentação

Lançado no início de 2020, nos meses iniciais da pandemia de Covid-19, o Filme *Relatos do Mundo*, uma produção da Netflix, apenas chegou ao solo brasileiro um ano depois, em fevereiro de 2021. Dirigido por Peter Greengrass, trata-se de um Western protagonizado por Tom Hanks, numa adaptação de romance homônimo escrito por Paulette Jiles e lançado em 2016.

Situado no Texas em 1870, o enredo gira em torno de Jefferson Kyle Kidd, um ex-capitão Confederado da Guerra Civil (1861–1865) que, após ter sua vida devastada pelo conflito entre o Norte e o Sul, não consegue mais exercer sua profissão original de tipógrafo. Em vez disso, ele adota um novo papel social: o de leitor de notícias, viajando por áreas remotas do Texas para compartilhar informações com fazendeiros, muitos dos quais são analfabetos.

Durante uma de suas viagens pelo interior do estado, conhecido como a Estrela Solitária, Kidd encontra Johanna, uma menina de cerca de dez anos, filha de alemães, mas criada pela tribo *Kiowa*. A vida de Johanna é marcada pela tragédia, tendo perdido seus pais biológicos para os nativos e visto sua família adotiva ser eliminada. Ao se deparar com Johanna, Kidd se vê diante do desafio de levá-la a um novo lar, evento que catalisa os acontecimentos subsequentes do filme.

Conforme apontado por Luiz Gonzaga Marchezan (2021) em sua crítica publicada após o lançamento do filme no Brasil, *Relatos do Mundo* faz importantes contribuições ao gênero Western americano. O filme dialoga com a tradição cinematográfica do gênero e explora o contexto e a época retratados, um período marcado pelo surgimento de múltiplas tensões e complexidades na história americana, como: intolerância, racismo e maldades.

Porém, além disso, é possível dizer que o filme possui ainda uma outra função, o de refletir sobre os desafios de se encontrar caminhos para superação das marcas deixadas por uma sociedade cindida. Conforme entendemos, esse retorno ao período pós-guerra civil está diretamente em diálogo com os Estados Unidos atuais e as fissuras provocadas pela polarização e a radicalização da direita americana, ocorridos concomitantemente com a eleição de Donald Trump, em 2016.

Em outras palavras, os caminhos percorridos pelo personagem de Tom Hanks, muito além de nos apresentar um passado marcado pelo surgimento da intolerância, traz questionamentos sobre os desafios de se viver em uma sociedade dividida ideologicamente.

Cabe lembrar que o longa-metragem foi lançado antes da eleição de Joe Biden, em novembro de 2020, e do ataque ao Capitólio, em janeiro de 2021.

Para sustentar nossa hipótese iremos analisar três passagens do filme, no primeiro e no segundo ato, tentando situá-las em seu contexto histórico e buscando estabelecer as pontes que existem entre passado e presente, por meio de reflexões feitas com base na historiografia sobre o tema.

Relatar o mundo em meio às diferenças: o período da Reconstrução do Sul

O primeiro ato é resumido pela apresentação do contexto e dos personagens, do encontro entre Jefferson Kidd e a pequena Johanna, bem como a aceitação por parte do protagonista de que caberia a ele levar a criança de volta a seus familiares. Logo em sua primeira cena, nos deparamos com o personagem de Tom Hanks se preparando para se apresentar a um grupo de pessoas interessadas em ouvir notícias dos jornais das principais cidades do Texas, de sua capital e da Capital Federal.

O lugar da apresentação se parece com um estábulo organizado de improviso para que ele falasse. As pessoas presentes no local são variadas, com a presença de crianças, adultos e idosos, todos com vestimentas simples e um semblante desconfiado. Tão logo se ajeita, sobre um púlpito improvisado, o personagem principal se apresenta, dando boa noite às pessoas e anunciando a sua missão naquela cidade.

É bom estar de volta aqui em Wichita Falls. Meu nome é Capitão Jefferson Kyle Kidd e eu vim trazer a vocês notícias deste nosso mundão. Sei como é a vida por essas bandas, trabalhando de sol a sol e nenhum tempo para ler jornal, correto? Eu farei isso por vocês.

Isso é dito por Kidd, diante de uma plateia que concorda com a cabeça. Enquanto começa a falar, as pessoas se aproximam, deixando contribuições em forma de moedas e a câmera viaja pelo ambiente focando no rosto do público. Ao fundo, de maneira isolada, é possível ver uma mulher negra que escuta a leitura dos jornais. Diferente do restante do público o seu semblante é de curiosidade. Seu rosto aparece justamente quando o Capitão comenta sobre as transformações que estão acontecendo naquele momento.

Conforme já foi dito, o filme se passa no ano de 1870, durante aquilo que a historiografia americana chama de Período da Reconstrução do Sul. Logo após a assinatura do tratado de Appomattox, que pôs fim à Guerra Civil em 1865, o presidente republicano

Abraham Lincoln foi assassinado. Tal fato resultou na chegada de seu vice à presidência, Andrew Johnson. Johnson era um político Democrata do Sul e, com a morte de Lincoln, coube a ele promover a reintegração dos Estados da Confederação à União.

Diferente das propostas feitas pelos Republicanos Radicais do Congresso, eleitos em peso na eleição de 1864, Johnson era favorável à uma reincorporação pacífica dos confederados à federação, perdoados sem maiores punições pela guerra. Conforme nos explica a historiadora Jill Lepore em seu excelente livro *Estas Verdades: A história de formação dos Estados Unidos*:

Com a morte de Lincoln, Johnson estabeleceu para si o compromisso de proteger o Sul. Ele não falava sobre “reconstrução”, mas sobre “restauração”: queria trazer os estados confederados de volta para a União o mais rápido possível e deixar que os estados decidissem as questões envolvendo cidadania e direitos civis (Lepore, 2018, p. 476).

Diante dos planos de pacificação apresentados pelo presidente, não demorou para que as legislações sulistas criassem leis, as famosas *black codes*, para segregar brancos e negros, impondo limites à participação dos ex-escravos na vida pública. Porém, para que a incorporação ocorresse, eles deveriam aceitar a 13ª emenda que colocava fim à escravidão.

Ironicamente, aceitar a libertação dos escravos era algo que poderia ser positivo para os interesses dos políticos democratas do Sul, uma vez que a abolição colocaria um fim na infame regra dos 3/5², tornando, agora, todas as pessoas negras como parte integral para o computo da população dos estados sulistas. Com isso, para fins eleitorais, os antigos estados confederados passariam a ter direito a mais assentos no Congresso, bem como no colégio eleitoral, o que viabilizaria a eleição de presidentes que defendessem os interesses do Sul.

Contudo, os republicanos do Norte se voltaram contra os planos de Andrew Johnson e, em 1866, elaboraram uma lei dos Direitos Civis que, pela primeira vez, estabeleceria o significado de cidadania nos EUA e estenderia os direitos dos cidadãos para qualquer pessoa, independente de sua cor ou origem pregressa relacionada à escravidão.

Johnson vetou a lei, o que abriu uma disputa acalorada contra a câmara dos deputados que, em resposta, derrubou seu veto e aprovou a legislação, convertendo-a na 14ª Emenda à Constituição do País, ratificada em 1868. Em reação a este cenário de transformações, fazendeiros do Sul passaram a organizar em milícias clandestinas com o intuito de atacar a

² A controversa “cláusula dos três quintos” era uma disposição na Constituição dos Estados Unidos que determinava que, para efeitos de representação no Congresso e de tributação, cada escravo seria considerado como três quintos de uma pessoa.

população negra que agora estava em liberdade. Entre essas milícias estava a *Ku Klux Klan*. Para Jill Lepore (2018, p. 481),

A Klan foi, de fato, uma ressurreição — não dos confederados mortos, mas sim das milícias armadas, que haviam passado muito tempo atuando como patrulhas de escravos, que por décadas aterrorizaram homens, mulheres e crianças com tochas, cordas e armas, instrumentos de intimidação, tortura e assassinato.

Com o objetivo de proteger as populações pretas do Sul e impor sobre os estados sulistas uma reparação pela guerra, em 1867, os Republicanos Radicais aprovaram um plano mais audacioso para a reincorporação do Sul à União, prevendo a intervenção federal, com o apoio dos exércitos da união, a indicação de interventores federais e a supressão do acesso a armas.

Mais uma vez, Johnson vetou a proposta republicana, mas teve o seu veto novamente derrubado e viu um processo de impeachment ser aberto contra ele, em 1868. Depois de ser condenado pela Câmara, Johnson foi perdoado pelo Senado, faltando apenas um voto para que sua condenação fosse mantida. No mesmo ano do Impeachment de Johnson, os republicanos trabalhariam pela eleição de Ulysses Simpson Grant, ex-general da união durante a Guerra Civil, que agora se tornaria o presidente dos EUA.

Com a posse de Grant, os planos de reconstrução saíram do papel, assim como a aprovação de uma nova emenda à constituição que estenderia a todos os homens, maiores de 21 anos de idade, o direito ao voto, independente de sua cor ou de seu passado pregresso vinculado à escravidão. Trata-se da 15ª emenda, uma forma de não permitir que a expansão dos assentos dos estados do Sul no Congresso, resultado da abolição, não se tornasse uma vantagem eleitoral para os democratas, uma vez que os homens pretos poderiam agora também votar nos políticos de sua preferência, em sua grande maioria, republicanos³.

Voltando à reconstrução, o plano definia a divisão dos estados em cinco distritos, que receberiam a indicação de um interventor federal e de tropas, responsáveis por fiscalizar e ordenar a vida no Sul, de modo que as pessoas pretas tivessem o direito à livre circulação, manifestação de sua cultura e participação da vida política. Entre 1870 e 1871, seis políticos afro-americanos foram eleitos deputados federais e um outro senador. Ainda segundo Jill Lepore (2018, p. 486),

³ Segundo Jill Lepore (2018, p. 486) “na antiga Confederação, a maioria dos homens brancos que tinham direito ao voto eram democratas; 80% dos eleitores dos republicanos eram homens negros. Ainda assim, mesmo com a proteção das tropas federais, nem sempre os homens negros conseguiam votar, especialmente à medida que a Klan crescia”.

Oitocentos deles [políticos afro-americanos] cumpriram mandatos nas legislaturas estaduais. Os homens negros ocuparam mais de mil cargos públicos, a maioria nos governos municipais e distritais. Um homem negro foi, durante um breve período, governador da Luisiana.

Toda essa situação provocou revolta e um profundo desgosto da parte do Sul em relação ao Norte, resultando no aumento da tensão entre as tropas federais e as milícias clandestinas, bem como entre os soldados e a população comum.

Isso é bem retratado em *Relatos do Mundo*, em uma cena que acontece ainda nos minutos iniciais, logo após o encontro de Jefferson Kidd e a pequena Johanna. Nessa oportunidade, o protagonista encontra um ambiente hostil, diferente daquele que nos é apresentado na cena anterior, com a presença de homens do exército federal. Ao narrar sobre um contratempo causado pela chuva e o alagamento de uma cidade, a audiência reage com desgosto. Entre a plateia, um homem comenta de maneira debochada, que as tropas federais teriam de ser deslocadas para o local do imprevisto, o que os obrigaria a “sujar suas botas”. Todos se voltam aos risos para os soldados com suas fardas azuis.

O Capitão contém a situação, anunciando uma grande notícia, a de que o Comitê da *Pacific Railroad* aprovou a construção de uma linha férrea que uniria a fronteira do Kansas com a cidade de Galveston, no Texas. A informação é amplamente celebrada por todos, ganhando palmas efusivas quando descobrem que a ferrovia passaria por uma reserva indígena, o que levaria à remoção de sua população local.

Porém, o clima de celebração não durou muito tempo. Ao anunciar que falaria agora das notícias federais, Jefferson Kidd é recebido com um som unísono de lamúrio, que logo se converteria em raiva quando o personagem de Tom Hanks mencionou o nome do Presidente Ulysses S. Grant. Entre os protestos, um homem se destaca ao gritar: “Dane-se Grant! Ele é um facínora”.

A notícia dizia que o Presidente havia ordenado que a legislatura do Texas deveria aceitar as 13^a, 14^a e 15^a emendas à Constituição dos EUA antes que qualquer retorno à união fosse considerado. Conforme explicado, as emendas incluíam a abolição da escravidão, proporcionado aos ex-escravos o direito ao voto e o pagamento das dívidas de guerra.

A plateia se enfureceu. Um homem esbraveja dizendo: “Não à abolição!”. Outro se levanta calmamente, e se pronuncia: “Eu digo não. Texas primeiro e para o inferno com essas emendas”. Nesse momento, a câmera foca nos soldados do exército federal que reagem com certo desconforto. Em seguida, outro homem esbraveja: “Eu não vou cavar nosso solo, suar e

sangrar por algum ianque rico”, para logo ser repreendido por um soldado que pede que ele se comporte.

A intervenção do soldado dá início a um tumulto, com homens se levantando de suas cadeiras, com dedos em ristes apontados aos soldados, questionando o que eles faziam lá. “Vocês não deveriam estar lutando contra índios, consertando nossas estradas ou protegendo nossos rios? Eles só querem bater em sulistas!”, grita um homem enfurecido.

A confusão é desfeita quando Jefferson Kidd retoma a palavra com uma frase emblemática:

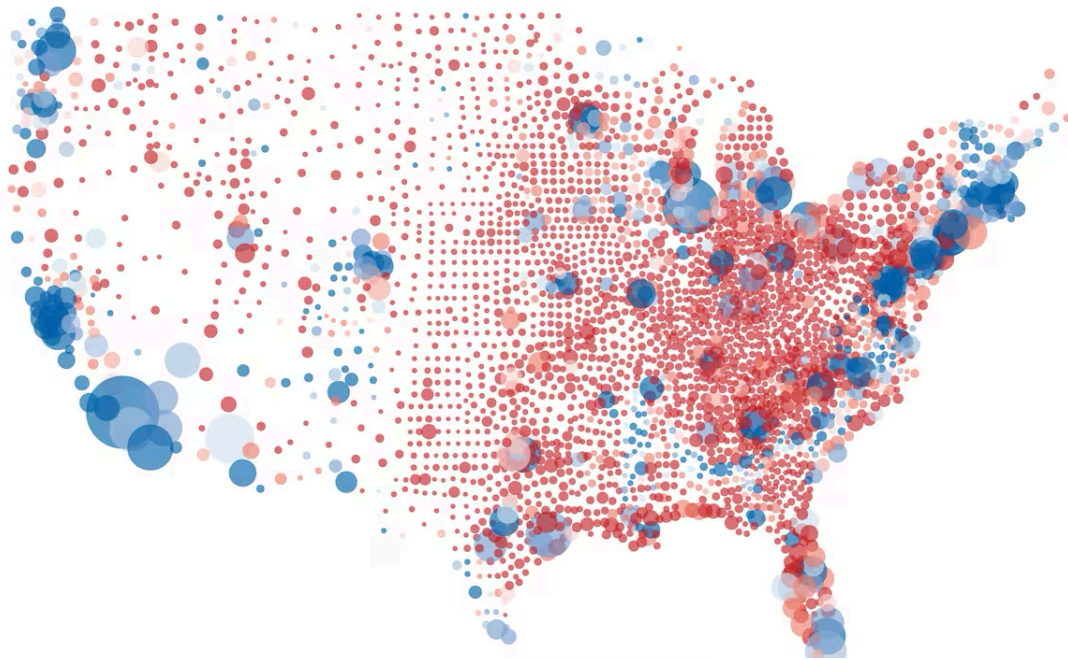
Os azuis não estão nos ajudando muito e pedem muita coisa em troca. Todos estão sofrendo. Todos nós. Mas nós também temos um papel a cumprir nessa história. Há muito mais do que chuva, índios e soldados de azul atrapalhando nossas estradas. Eu mesmo passei por isso, vindo de Wichita Falls. Todos estão sofrendo. São tempos difíceis”.

Assim, essa passagem termina. Toda ela nos apresenta a tensão que existia na época da Reconstrução, mas ecoa sobre nossos tempos e a realidade americana atual. É impossível não ouvir o fazendeiro bradar “Texas First” sem se lembrar que um dos lemas da campanha de Trump, em 2016, foi justamente o “America First”. Além disso, a fala que diz que o suor do trabalho de um texano não será usado para pagar um rico ianque do Norte, dialoga plenamente com uma das principais queixas existentes dentro do movimento *Trumpista* nos dias atuais: a de que os democratas representam uma elite de burocratas que governam de Washington e das regiões cosmopolitas, sem conhecer a realidade dos trabalhadores do campo, agindo apenas em prol dos interesses das grandes corporações (*ver* Inglehart; Norris, 2019).

Aqui é importante esclarecer algumas coisas. Diferente da época retratada no filme, hoje é o Partido Republicano, o Partido de Donald Trump, que representa melhor os interesses do Sul, enquanto os Democratas são eleitoralmente mais fortes nos estados do Norte. Além disso, mais do que uma divisão entre norte e sul, atualmente os votos entre democratas e republicanos estão divididos entre cidade e campo. Há um predomínio dos políticos democratas em regiões cosmopolitas, enquanto os republicanos possuem sua base eleitoral junto aos distritos localizados em regiões menos urbanizadas⁴.

⁴ Segundo Yuval Harari no capítulo 7, intitulado *Nacionalismo Problemas globais exigem respostas globais*, de seu livro *21 lições para o Século 21*, de 2018, esse conflito entre nativismo e cosmopolitismo é um fenômeno global, representado por ideias nacionalistas, presas a dicotomias criadas ainda no século XX, contra ideias globalizantes que demandam ações multilaterais.

Figura 1: resultados preliminares da eleição de 2020 por condado.



Fonte: Washington Post⁵

Outrossim, o Texas hoje é um estado dominado por políticos republicanos, como se diz no jargão político, é um estado vermelho, em referência à cor do partido. Por isso, é interessante que o personagem de Hanks abra sua fala dizendo que os azuis não estão nos ajudando muito, o que também dialoga com a cor do partido democrata que é o azul. De qualquer maneira, a fala do Capitão Jefferson Kidd expõe uma questão mais ampla: o conflito provoca máculas nos dois lados e machuca a todos. Não há ganhadores nessa situação de polarização. A falta de consenso é a morte da política, por isso “são tempos difíceis” e “há muito mais do que chuva, índios e soldados de azul atrapalhando” nossas comunicações.

Além disso, a frase aponta para uma responsabilidade também do Sul para que a situação chegasse naquele ponto. Olhando em perspectiva, essa fala ganha ainda mais significados quando sabemos que o processo de Reconstrução do Sul ficou incompleto. Ainda que tenha avançado na reintegração das famílias negras e aprovado leis que visavam a sua proteção, até 1877 todos os estados haviam retornado a união, as tropas federais voltaram para casa e os políticos democratas foram novamente eleitos. As *black codes* foram aprovadas de maneira ainda mais intensa, dando resultado às Leis *Jim Crow* de segregação racial que durariam até o ano de 1964, tendo fim somente após anos de lutas do movimento negro pelos

⁵

<https://www.washingtonpost.com/politics/2020/11/05/lets-get-ahead-it-map-early-2020-results-by-population-no-t-acreage/> Acesso em 28 de abril de 2024

Direitos Civis. Tudo isso, com a concordância da Suprema Corte e a vista grossa de políticos republicanos que não eram mais radicais e já haviam se convertido no partido do *Big Business* (ver Wagner, 2007).

“Fake News” e realidades alternativas

O segundo ato pode ser resumido pelo estreitamento dos laços entre Johanna e Jefferson Kidd bem como o início da jornada em direção as terras dos familiares da pequena órfã. A relação entre os dois é construída de forma conturbada, mas bastante comovente. A menina, apesar de ter ascendência alemã, com olhos e pele clara e cabelos loiros, foi criada por indígenas da tribo *Kiowa*, o que tornava a comunicação entre ela e o personagem de Tom Hanks limitada a gestos. Aos poucos eles vão mutuamente ensinando palavras de seus idiomas de maneira a conseguirem conversar.

Em um dado momento, ela pronuncia algumas palavras em alemão, o que chama a atenção do velho Capitão. Ele pergunta então se ela consegue se lembrar de mais alguma coisa até que percebe que ela se lembra da morte de seus pais. Seu rosto fica triste e os olhos marejados. Jefferson Kidd pede, então para que ela se esqueça daquilo. “Nós dois temos demônios para enfrentar adiante”, ele diz.

De fato, não demora para que eles enfrentem o principal desafio dessa jornada. Minutos depois, vemos a dupla ser interceptada por um grupo de homens brancos que caçam búfalos, liderados por um sujeito chamado Mr. Farley. O líder do bando questiona qual o motivo da viagem de Jefferson Kidd que o responde dizendo que seu trabalho é viajar lendo notícias. Enquanto conversam, o Mr. Farley folheia os jornais que pertenciam ao personagem de Tom Hanks, e diz que eles estão incompletos, pois não contam sobre os seus feitos.

Logo, os homens do bando contam que, além de caçarem búfalos, eles lutam contra mexicanos e indígenas, tendo matado muitos deles. O objetivo daqueles sujeitos era o de criar “um novo mundo”, um país novo, que chamam de *Earth*. Para que seus feitos sejam conhecidos, Mr. Farley convida Jefferson para se juntar a seu bando e contar suas histórias para todos.

Ao entrarem nos territórios dos desconhecidos, a dupla formada pela menina e o velho Capitão, se depara com um grande grupo de homens de todas as etnias, cercados de búfalos mortos e sem pele. Nessa república nascente, o Mr. Farley, que é a espécie de senhor das terras, um presidente vitalício. Ao entardecer, o senhor de *Earth* intima o personagem de Tom Hanks a ler para os homens de seu bando, porém, ao invés de narrar as notícias trazidas por

ele, que fizesse a leitura de um jornal, o *Earth Journal*, escrito pelo próprio Mr. Farley, com notícias sobre o seu novo país.

Diante da plateia barulhenta e embriagada, Jefferson Kidd pega o jornal pelas mãos e, voltando-se para a plateia, diz:

Parece que o Mr. Farley é muito ocupado por essas bandas. Ele é o editor, redator, empresário, legislador. E todos vocês, pessoas de bem trabalham para ele. Mas pelo que eu vejo, nada disso é notícia. Então deixem me ver se eu não consigo seduzi-los com outra coisa.

Então, passa a ler notícias dos jornais de verdade. A matéria escolhida conta a história de um homem comum, que vive no norte do país e que assim como eles, acorda cedo, junta-se aos seus amigos para trabalhar em uma mina de carvão. Longe de um final feliz, Kidd conta que a mina de carvão explodiu e que boa parte dos homens perderam a vida. Os homens da plateia esboçam simpatia pela história, com gritos de apoio ao leitor.

Porém, ele é interrompido pelo Mr. Farley que exige que o *Earth Journal* fosse lido. Um bate boca entre os antagonistas começa até que o personagem de Tom Hanks propõe uma votação para saber quais das histórias ele deveria contar, sendo que os homens escolhem por ouvir a notícia verdadeira. Tem-se, então, início à uma confusão, um confronto entre os capangas do Mr. Farley, que tentam impedir que Jefferson Kidd prosseguisse, contra os trabalhadores comuns que desejavam ouvir a história contada pelo forasteiro.

Das passagens que analisaremos nesse artigo, essa é aquela que sem dúvida dialoga mais explicitamente com os dias atuais. *Earth* funciona como uma espécie de realidade alternativa que tenta se impor contra o mundo real. O *Earth Journal* é a representação cabal da *Fake News* de nossos tempos, em seu papel de criar uma narrativa falseada e glorificante da nova república, bem como destacar os supostos feitos de seu grande líder, o Mr. Farley. No limite, representa o conflito existente entre os canais de mídia tradicionais e a dita mídia alternativa.

Essa realidade paralela representa o que há de mais perigoso na radicalização da polarização na atualidade. Trata-se de um mundo que desafia as mudanças climáticas pela destruição total da natureza, persegue os mexicanos (imigrantes) e as instituições estão longe de existir, sendo as leis da sociedade são ditadas por um líder populista, autoritário e que concentra em si todas as funções de governo. Alguém que se coloca como o representante direto do povo, livre das amarras dos partidos.

Qualquer relação com o fenômeno da última década caracterizado por políticos *outsiders* que usam das redes sociais para se colocar como representantes diretos da vontade popular não é mero acaso. Na história recente dos EUA, o político que melhor encarnou o espírito do seu tempo foi Donald Trump. Em seu livro *Fear: Trump in the White House*, de 2018, o jornalista Bob Woodward descreve um episódio em que Trump solicitou a impressão das postagens na internet com mais engajamento para verificar se existia algum padrão entre elas. Ele observou que as mensagens que geravam mais impacto eram aquelas que provocavam polarização e indignação.

Em outra passagem, o autor nos conta como os assessores de Trump tentavam limitar o seu acesso às redes sociais, especialmente o Twitter. A resposta do ex-presidente dos EUA foi a seguinte:

Este é o meu megafone. [...] É assim que falo diretamente com as pessoas sem nenhum filtro. Cortar o ruído. Cortar as notícias falsas [*sic*]. Essa é a única maneira que tenho de me comunicar. Tenho dezenas de milhões de seguidores. Isso é maior do que a televisão a cabo. Eu saio e faço um discurso e é coberto pela CNN e ninguém está assistindo, ninguém se importa. Eu twitto algo e é o meu megafone para o mundo (Woodward, 2018, p. 176).

Porém, mesmo nesse cenário, o filme faz uma leitura otimista da situação. Assim como na primeira passagem analisada, em que a polarização é um fenômeno que “machuca a todos”, aqui também há vítimas da radicalização, mesmo entre aqueles que apoiam o lado radical. Afinal de contas, são trabalhadores comuns, manipulados por seus líderes populistas. Quando expostos às notícias do mundo real, entendem sua condição de explorados e se levantam contra seus verdadeiros algozes.

Pacificar o passado para seguir adiante

No final do segundo ato, após se livrarem dos homens de Mr. Farley, o velho capitão e a pequena Johanna se deparam com uma vila abandonada. Logo, a menina reconhece aquele lugar. E decide entrar para revê-lo. Trata-se de sua antiga casa, onde vivia com seus pais biológicos. Jefferson Kidd implora para que ela não vá até lá. Aponta para a estrada e diz que eles devem seguir em frente. “A história se move para frente”, disse ele em outro momento do filme.

Porém Johanna não o escuta se embrenhando pela vila. O personagem de Tom Hanks adverte: “você não precisa fazer isso. Eles não estão mais aí”. Ela responde dizendo que vai entrar na casa. Em silêncio, percorre todos os cômodos, como se lembrasse de tudo. Para diante de um berço e recolhe uma boneca de palha. Ao sair da casa ela diz para o capitão algo em sua língua e ele a responde dizendo: “sim, eles estão mortos”.

De mãos dadas, voltam para a carroça e seguem adiante. No trajeto, Jefferson Kidd diz a ela que quer afastá-la de toda dor, livrá-la disso tudo: “reviver não é bom. Precisa esquecer isso. Seguir em frente. Siga a linha. Sem olhar para trás”. A menina balança a cabeça negativamente e diz: “Não. Para seguir em frente... você deve primeiro se lembrar”.

Desde o início do século XX a historiografia americana se debruça sobre o período da reconstrução do sul. Naquele momento, o *mainstream* acadêmico, representado por William Archibald Dunning e seu livro *Reconstruction: Political & Economic, 1865–1877*, de 1907, defendia uma visão apenas fracassada da Reconstrução, desconsiderando o papel ativo dos afro-americanos no processo.

Desafiando a interpretação dominante, em 1935, W.E.B. Du Bois, um dos intelectuais mais proeminentes da história dos EUA, publicou *Black Reconstruction in America*. Contrariando a narrativa vigente, Du Bois defendeu que os afro-americanos e os escravos recém-libertados desempenharam um papel significativo durante a Guerra Civil e o período de Reconstrução, vendo essa era como uma promessa de democracia controlada pelos trabalhadores em oposição a uma economia sustentada pela escravidão e pelas plantações. Ele destacou as greves gerais dos escravos que deixaram as plantações e abordou as disparidades salariais entre trabalhadores brancos e negros como um aspecto psicológico que perpetuava a divisão racial e impedia a solidariedade de classe.

Embora o trabalho de Du Bois tenha sido alvo de críticas na época, ele ganhou nova relevância nos anos 1980, inspirando o clássico *Reconstruction: America's Unfinished Revolution, 1863-1877*, de Eric Foner, publicado em 1988. Neste livro, Foner argumenta que a Reconstrução desencadeou um processo revolucionário de inclusão racial e de luta contra as estruturas racistas nos EUA.

Seguindo os passos de Du Bois, o autor colocou os afro-americanos no centro da narrativa, destacando suas lutas e conquistas na busca por igualdade e cidadania. Indo além de uma visão maniqueísta da história, o livro explora as complexas interações entre raça e classe, a transformação da sociedade sulista e o desenvolvimento de um governo federal mais ativo.

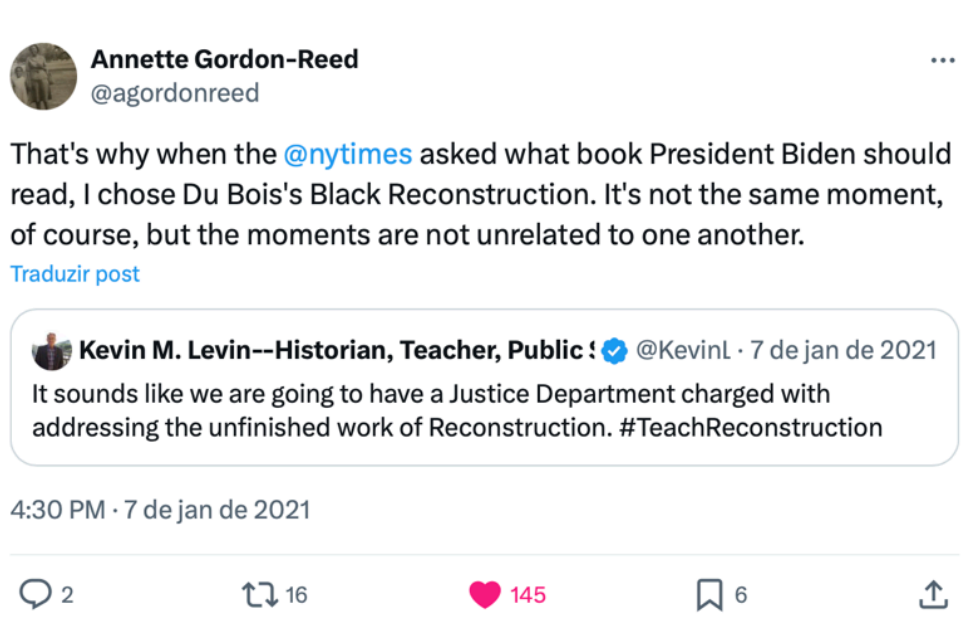
Com a vitória de Biden, em 2020, alguns historiadores vieram a público destacar a importância de o novo presidente enfrentar o passado e encarar as estruturas racistas que

sustentam uma parte das instituições americanas, dando continuidade à revolução inacabada iniciada pela Reconstrução. Inspirados pela onda de movimentos encampados pelo *Black Lives Matter* naquele ano, principalmente após a morte de George Floyd, a leitura desses autores era a de que o problema racial deveria ser o mote central do novo governo (ver Sides; Tausanovitch; Vavreck, 2022).

Essa perspectiva ganhou ainda mais força após o episódio de invasão do Capitólio, em 6 de janeiro de 2021. No dia seguinte, o historiador Kevin Levin publicou em seu twitter a seguinte afirmação “Parece que teremos um Departamento de Justiça encarregado de tratar do trabalho inacabado da Reconstrução. #TeachReconstruction”.

Retuitando a mensagem de Levin, a historiadora Annette Gordon-Reed, um dos grandes nomes da historiografia norte-americana da atualidade, escreveu: “É por isso que quando o @nytimes perguntou que livro o presidente Biden deveria ler, escolhi *Black Reconstruction*, de Du Bois. Não é o mesmo momento, claro, mas os momentos não são independentes entre si”⁶.

Figura 02: Publicação de Annette Gordon-Reed na rede social Twitter



Fonte: GORDON-REED, Annette. 07 jan. 2021. Twitter: @agordonreed.

A invasão ao capitólio foi feita por apoiadores do ex-presidente, Donald Trump. Representam a face mais radical da polarização, algo semelhante aos homens que viviam em *Earth* sob a batuta de Mr. Farley. Alguns apareciam empunhando a bandeira de guerra dos Estados Confederados, a *Dixie*, aquela vermelha com a cruz de Santo André em azul.

⁶ <https://twitter.com/agordonreed/status/1347264314927964167> Acesso em 28 de abril de 2024.

Existiu, de fato, um corte racista naquele grupo que invadiu o Capitólio. Seu perfil nativista, reivindicava a retomada dos EUA por um grupo mais americano que os demais, formados por brancos, oriundos da classe média empobrecida pelos anos de globalização. Palavras de ordem como “devolvam o meu país”, confirmam tal perspectiva.

Em certa medida, o que o filme apresenta e que encontra eco na sociedade americana atual é que, para além do racismo, existe também um conflito entre os brancos que não foi solucionado, nortistas versus sulistas, ou nativistas e cosmopolitas. Ao longo de toda a longa metragem, a figura do “outro” que se contrapõe ao Capitão Jefferson Kidd, que tenta seguir adiante sem olhar para trás, e aquela menina americana, filha de alemães e criada por indígenas, não são os “selvagens” como na maioria dos filmes de *western*, mas os próprios americanos brancos. Uma sociedade polarizada e incapaz de produzir consensos gera um ambiente em que todos desconfiam de seus pares, mesmo aqueles que estão do mesmo lado do espectro político ou moram no mesmo distrito eleitoral.

E qual a saída para esse problema? Seguir adiante, sem olhar para trás? A resposta do filme está na fala de Johanna: “Para seguir adiante, é preciso se lembrar”. Em outras palavras, o primeiro passo para mudar esse cenário parte da necessidade de lembrar de como chegamos até aqui. A superação disso não será por meio do abandono do passado, do esquecimento dos processos históricos que perpetuaram o racismo e os ressentimentos, mas por meio de sua compreensão e pacificação. Fazer as pazes com o passado, exorcizar os fantasmas que perseguem uma sociedade, exige um mergulho profundo para dentro de si e de sua história.

Caso tomemos as formulações de Foner ou Gordon-Reed, o período da reconstrução do sul tem mais respostas para as saídas desse cenário de polarização do que se poderia imaginar. “Não é o mesmo momento, claro, mas os momentos não são independentes entre si”. Parece que essa também é a leitura de Peter Greengrass e seus *Relatos do Mundo*.

Referências Bibliográficas

DUBOIS, W.E.B. **Black Reconstruction in America**. Nova York: Harcourt, Brace and Company, 1935.

DUNNING, William Archibald. **Reconstruction: Political & Economic, 1865–1877**. Nova York: Harper Brothers, 1907.

FONER, Eric. **Reconstruction: America's Unfinished Revolution, 1863-1877**. Nova York: Harper & Row, 1988.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

INGLEHART, Ronald; NORRIS, Pippa. **Cultural Backlash: Trump, Brexit, and Authoritarian Populism**. Cambridge: University Press, 2019.

LEPORE, Jill. **Estas Verdades: Estas Verdades: A história de formação dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

MARCHEZAN, Luiz Gonzaga. A propósito de Relatos do mundo. In: **A Comarca**, 2021. Fonte: http://www.acomarcenet.com.br/materia.php?id_materia=5756 Acesso em 27 de abril de 2024.

SIDES, John; TAUSANOVITCH, Chris; VAVRECK, Lynn. **The Bitter End: the 2020 Presidential Campaign and the Challenge to American Democracy**. New Jersey: Princeton University Press, 2022.

WAGNER, Heather Lehr. **The History of the Republican Party**. Nova York: Chelsea House Publisher, 2007.

WOODARD, Bob. **Fear: Trump in the White House**. Nova York: Simon & Schuster, 2018.